

# DEUS

BOLETIM APPROVADO E ABENÇOADO

A' Ex.<sup>ma</sup> Redação de  
O ESPOZENDENSE  
ESPOZENDE

Director, Editor e Administrador — *Avelino Alves Sampaio*

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—Belinho—ESPOZENDE

PROPRIEDADE DA EMPREZA—DEUS E PATRIA

Composto e impresso na *Typographia Viziense—Rua Silva Gayo, 42 a 46—VIZEU*

## O EVANGELHO

Domingo 1.<sup>o</sup> do Advento

Evangelho da Missa, segundo S. Lucas  
(XXI, 25-33).

N'aquelle tempo disse Jesus a seus discipulos: Haverá signaes no sol, e na lua, e nas estrellas; e na terra consternação das gentes, por causa da confusão em que as porá o bramido do mar e das ondas. E os homens se mirrarão de susto, na espectação do que virá sobre todo o mundo; porque as virtudes dos ceus se abalarão. E então elles verão o Filho do Homem, que virá sobre uma nuvem com grande poder e magestade.

Quando vós-outros virdes que estas coisas começam a verificar-se, olhae para cima, e levantae as vossas cabeças; porque está proxima a vossa redempção.

Depois propoz-lhes esta similhança: Olhae para a figueira, e para as mais arvores. Quando ellas começam já a produzir fructo, conheceis vós que está perto o estio. Assim tambem, quando vós virdes que vão succedendo estas coisas, sabeis que está perto o Reino de Deus.

Em verdade vos affirmo que esta geração não passará, emquanto se não cumprirem todas estas coisas. Passará o céu e a terra; mas as minhas palavras não passarão.

### REFLEXÕES

E' hoje o primeiro domingo do Advento. O domingo precedente fechou o cycle dos domingos deccorridos depois do Pentecostes, essa grande festividade que os fieis geralmente conhecem pelo nome de *Domingo do Espirito Santo*. Hoje começa, pois, o novo cycle dos quatro domingos do Advento.

Nos domingos do primeiro cycle a Igreja ostentava a cor verde, symbolo da Esperança dos fieis que no periodo paschal tinham celebrado com fé e regosijo os mysterios gloriosos da resur-

reição e da ascensão do Nosso Senhor Jesus Christo ao Ceu. Agora, nos domingos do Advento, a liturgia catholica reveste os seus ministros e altares com a cor modesta e triste das fragrantas violetas, convidando assim os fieis á penitencia!

Mas, christãos, apesar do contraste das duas cores liturgicas entre o passado e o presente, há nos domingos de contacto dos dois cycles a mais estreita afinidade. As mesmas affirmações, as mesmas prophcias que hoje lemos no Evangelho de S. Lucas, foram lidas tambem no Evangelho de S. Matheus, no domingo passado.

Hoje, como então, a Igreja proclama as mesmas verdades catholicas que Jesus affirmou a seus discipulos, relativas ao fim do mundo e ao Juizo Final. Hoje, como então, Jesus, referindo-se a si mesmo, diz a seus discipulos: «O Filho do Homem», aquelle que agora está entre vós, como que abatido e aniquilado, esse mesmo triumphará dos atheus, dos hypocritas, dos phariseus, de todas as seitas malditas de todos os tempos. Em summa, Jesus triumphará do peccado e da morte; e um dia, no fim do mundo, elle «virá sobre uma nuvem com grande poder e magestade», a julgar os vivos e os mortos; e tudo isso lançará os maus n'um terrivel desespero! Mas vós, continua Jesus para seus discipulos, vós nada tendes que temer nem que receiar, porque acceitae a minha doutrina e guardaes os mandamentos.

Pois, christãos, n'esse dia final que Jesus estava predizendo a seus discipulos, n'esse dia tremendo—*dies iræ, dies illa*—nada terão que recear, nada terão que soffrer todos aquelles que, como os apóstolos e discipulos de Jesus, tiverem acceitado a doutrina do Evangelho, tal como a Igreja nos ensina e propõe; esses, que cumpriram os mandamentos que na doutrina de Jesus se contém, nada podem nem devem receiar no Dia de Juizo, porque todos elles terão garantida a sua salvação. Foi o proprio Jesus que assim o affirmou. «Mestre», perguntou a Jesus um fervoroso mancebo, «que devo eu fazer para me salvar?» «Cumpre os mandamentos», lhe respondeu Jesus ternamente.

Aquelles pois que n'este mundo seguem o caminho da rectidão, da justiça e da verdade, amando a Deus e ao proximo, nada terão que receiar, quando começarem a manifestar-se todos os pro-

digios que o Evangelho nos diz que hão de preceder o fim do mundo. Sim, porque n'essa hora suprema os fieis, cumpridores dos mandamentos de Deus e da Igreja, verão que se aproxima o momento da sua recompensa final.

Mas quando é que tudo isto acontecerá? quando será o dia do Juizo? Responde Jesus que «ninguem o sabe, nem mesmo os Anjos do Ceu». E' por isso mesmo que a Santa Madre Igreja quer que os seus filhos se preparem e vivam sempre bem dispostos para a hora incerta da morte e para a resurreição final. E, como symbolo de preparação para a vinda de Jesus Christo no fim do mundo é que a Igreja estabelece annualmente na sagrada liturgia os dias do Advento, afim de que os fieis se disponham a receber na pureza dos seus corações o Menino Deus, cujo nascimento a christandade commemora, atravez dos seculos, no dia vinte e cinco de dezembro.

Tal é a significação immediata d'esta quadra do Advento: prepararmo-nos todos para dignamente recebermos em nossos corações o Rei dos Céus, esse mesmo Deus Menino que nasceu no presepio de Belém, onde os Anjos do Ceu, os reis da terra e os pastores do campo jubilosamente o adoraram.

## UM ANJO CAHIDO

Leonardo de Vinci é um dos mais celebres pintores de todos os tempos, sendo um dos seus *frescos* mais notaveis o quadro da *Ceia do Senhor*.

Ora n'este quadro o artista tomára para modelo de Jesus um menino de Còre, cuja voz melodiosa e cujo canto fervoroso faziam lembrar um anjo.

Chamava-se Pedro Bandinelli.

Leonardo de Vinci trabalhava muito devagar. Este quadro celeberrimo levou-lhe muitos annos e assim foi que só muito tempo depois é que o pintor procurou um modelo para o seu Judas.

A escolha era bastante difficil, pois era mister que o rosto de Judas expressasse as paixões mais vis, em que desaparecesse o vestigio das doces emoções outr'ora experimentadas.

Um dia, Leonardo de Vinci viu sobre um talude um mendigo meio embriagado, cujas feições conservavam ainda uns restos vagos de nobresa, mas cujo todo revelava o embrutecimento, o aviltamen-

to, a degradação. O Pintor reconheceu immediatamente o modelo desejado para o seu Judas. E puxando da sua carteira, tirou-lhe rapidamente o esboço. Era com effeito a imagem do Apostolo-traidor; do anjo que se tornara demonio;

De repente, Leonardo de Vinci, estupefacto, deixou cahir o lapis. Acabava de reconhecer n'aquelle mendigo de vestes esfarrapadas e de apparencia tão miseravel, o menino de Côro—Pedro Bandinelli que, alguns annos antes, lhe tinha servido de modelo para o seu Christo!

A sua historia era curta mas de arrepiar:—O alcool, o jogo e o deboche tinham-no perdido em poucos annos.

Infelizmente esta historia repete-se; sobretudo a das ruinas amontoadas pelo demonio do alcool.

Quantos jovens, tanto das classes operarias como das classes mais abastadas, se não corrompem e degradam até ao crime, devido ao abuso do alcool?

## O Anjo da resurreição

Pepita Lopes, formosa donzella de dezoito annos, alegre e prendada como poucas, encanto da boa sociedade e alvo de todas as invejas da maior parte das suas lindas companheiras, formava parte da tal commissão que havia de visitar Sôr Maria para fazer-lhe entrega de determinada quantia para os feridos.

Quando e quanto tinha trabalhado a nossa Pepita para o bom resultado da festa! Certamente que sem o seu concurso não teria esta tido tal exito!... Era verdade que alguns remorsos lhe tinha causado na consciencia uma certa coisinha que lhe disse a sua amiga Luzinha Espina... Mas não... Muito se tinha ella sacrificado pelos pobres soldados!... Vamos! Até tinha soffrido as impertinencias de Joesinho Valle, o mais atrevido e mentecapto dos seus admiradores!... Por isso é que... nada! Ora que tolice! E não ia ella, por fim, e para remate da sua obra, visitar a enfermaria de um hospital cheia de feridos, para levar-lhes uma *positiva* consolação?... A commissão, formada por dois cavalheiros distinctos e tres elegantes jovens, entre as quaes se contava Pepita, chegou á porta da enfermaria onde Sôr Maria cuidava dos seus feridos.

Logo que viu os recémchegados, Sôr Maria adeantou-se para elles; e não sabemos porque, mas é certo que desle o primeiro momento, tornou-se muito sympathica para a jovem figura da Irmã. Parecia-lhe esta uma mulher distincta das outras, mais amavel, mais digna e até mais formosa... E talvez, quem sabe? não era difficil que aquella boa religiosa fôsse mais nobre, mais distincta e de familia de geração mais illustre e mais rica que ella... Pelo menos, formosa era-o, sem duvida, muito mais... Porque Sôr Maria era esbelta e delicada, e o seu semblante e maneiras encantadores...

Esta saudou com amabilidade finissima os commissionedos e convidou-os a entrar. Pepita adeantou-se com viveza... mas...—Uff! Que falta d'ar! A atmosphera d'esta sala não é respiravel, boa

Irmã!—disse ella, retirando-se apressadamente.

Os outros companheiros tambem não se decidiram a penetrar, e até, com delicadeza, censuraram a Sôr Maria pela pouca ventilação que alli se notava.

—O que querem, meus senhores?! Por mais que eu tenho supplicado, não tenho podido conseguir que sejam abertas algumas janellas, que tão necessarias são em epochas como esta. Emfim—continuou a Irmã com sorriso angelical—Deus seja bemdito!...

—Mas para vós esta atmosphera deve ser insupportavel!... Aqui eu não podia viver—disse com certo mimo Pepita.

—E' verdade—respondeu sempre sorridente a Irmã—esta atmosphera prejudica o corpo; mas não a creio peor do que outras muitas que prejudicam e envenenam o coração, sem que porisso sejam muitos os que fogem d'ellas...

Os commissionedos abandonaram com grande contentamento aquelle triste edificio... Só Pepita pensava em que certamente se mostra mais compassivo e heroico coração n'um hospital ao lado do esquecido enfermo, do que organisando festas que, por varias razões, deixam muito a desejar.

As palavras de Sôr Maria, ditas com aquelle accento de innocencia, tinham-lhe revelado o que talvez presentia sem dar-se conta d'isso.

Desde aquelle dia não foi já a nossa Pepita a menina voluntariosa e algum tanto leve de cabeça, rainha de festas e salões. Compreendeu que, effectivamente, reina n'elles uma atmosphera que tudo mancha; e ella, ainda que um tanto leve, jamais tinha deixado de ser innocente e de cuidar, como de joia de inapreciavel valor, da sua dignidade de mulher.

Não uma só vez visitou Pepita o hospital desde aquelle dia memoravel, mas quasi todos os dias alli podia ser encontrada ao lado de Sôr Maria, a quem a joven chamava «o anjo da resurreição», alludindo, sem duvida, ao que a boa Irmã era para os pobres enfermos e para ella, em quem as suas palavras tinham realizado tão completa mudança.

P. C.

## O Advento

Principia hoje a quadra do anno ecclesiastico, chamada o *advento*, isto é, a vinda, a chegada.

Quatro mil annos esperou a humanidade pelo Salvador promettido, e durante esse longo periodo de tempo, não cessaram os homens de desejar-lo ardentemente, de todo o coração.

Pois bem; as quatro semanas que vão d'aqui até ao Natal, representam esses quatro mil annos, e porisso n'este tempo devemos preparar-nos para que Jesus venha a nós, enchendo-nos dos dons da sua graça, e desejar-lo com todas as véras da nossa alma.

Como S. João Baptista prégava ao povo, a santa Igreja repete-nos n'este tempo:

*Fazei penitencia!*

*Preparaes os caminhos do Senhor, endireitae as suas veredas, isto é,*

limpae os vossos corações, reformae os vossos costumes, rectifiae a vossa conducta pela penitencia.

Preparemo-nos, pois, pela oração, pelo jejum e pelos exercicios de piedade, para celebrar e aproveitar o advento, isto é, a vinda de Jesus, e para festejar com a alma pura de toda a mancha a festa do Natal.

## CONVERSANDO...

(Dialogo sobre um factio veridico)

—Bom dia, compadre!

—Bom dia! Para onde vae tão cedo, de ponta em branco?

—Olhe. Vou alli á Igreja conversar um bocadinho com o nosso prior.

—Ah!... Eu cá não gosto de metter-me nos negocios alheios... mas o compadre é capaz de ir tratar dos papéis de Anninhas.

—Enganou-se compadre! E' verdade que qualquer dia tenho de tratar de arrumar a pequena, mas agora ainda não é isso.

—Bom, bom, não o quero demorar, pode ser coisa de pressa...

—Hum! O compadre está com a sua pontinha de curiosidade, mas não é segredo nenhum. Amanhã é dia de N. Sr.<sup>a</sup> da Conceição, e eu costume receber o nosso Pae n'esse dia.

—Cada qual come do que gosta; eu cá, compadre, não sou nenhum hereje; bem sabe que tenho baptisado na Igreja todos os meus filhos e tanto que até nos chamamos compadres, mas lá carola é que não sou.

—Obrigado, compadre; quer então dizer que o sou eu.

—Não, não... não é isso. Quero dizer que a respeito de confissões e communhões não percebo nada.

—Bem se vê, compadre, bem se vê... Mas, diga-me lá: o que é que não percebe?

—Ora... Diz o compadre que vae receber nosso Pae; como quer que eu acredite que nosso Pae está n'um bocadinho de pão?—Essa não entra!

—Devagar, compadre, devagar. O compadre falla em nosso Pae; ora sabe a quem se refere?

—Podéra não: A Jesus Christo.

—Bem, bem. Ora Jesus Christo é o filho de Deus, que morreu na cruz para nos salvar; é ou não verdade, compadre?

—Até ahi chego eu...

—Pois não devia chegar, compadre. Pois não lhe parece impossivel que o filho de Deus, o proprio Deus, viesse a este mundo como o mais miseravel dos homens, com a mesma apparencia que eu e você, compadre?

O que o compadre devia dizer, ora que Jesus era filho d'um carpinteiro, um simples homem, e mais nada.

—Isso disseram os judeus. Nada, ainda que eu saiba pouco d'estas coisas, sempre sei que Jesus Christo fez muitos milagres, que só Deus pede fazer, e que morreu para nos salvar e porisso é nosso Pae.

—Falla como um livro, compadre. Mas agora diga-me:—Se o compadre reconhece a Nosso Senhor, debaixo da for-

d'um homem, porque não ha-de re-  
cebe-lo debaixo d'aquella especie de  
que é a hostia consagrada? Então  
Nesso Senhor, que fez milágres, segundo  
compadre diz e é verdade, não seria  
capaz de fazer este de que fallamos?

—O compadre talvez tenha razão...  
foi capaz de fazer uma coisa, tam-  
podia fazer a outra... Mas quem  
diz a mim que assim foi?

—Quem o diz? A Igreja, os Santos,  
padres...

—Hum!... Não digo que sejam más  
coisas, mas ás vezes podem puxar a  
caza á sua sardinha.

—O compadre é desconfiado. E se  
lhe mostrar que foi Nesso Senhor Je-  
s Christo quem fez este grande mila-  
gre, dizendo que o pão consagrado era  
seu próprio corpo?

—Crédito, compadae, pois tem-me  
hoje coisas que me dão que pensar.

—Ora bem. Vá amanhã almoçar  
comigo, e depois lhe provaré o que

No dia seguinte, os dois compadres  
gostaram-se depois d'almoço na leitu-  
ra do Evangelho, no capitulo em que se  
descreve a instituição da Eucharistia, re-  
tornando d'aquí que, pelo Natal, foram  
ambos juntos receber a Sagrada Commu-  
nião.

### Clemenceau dando lição a alguns catholicos

Clemenceau foi assistir a um *Te-Deum*  
nello, o anti-clerical.

Os fieis assistentes, inflamados com  
entusiasmo do orador da solemni-  
dade, applaudiram o presidente do gover-

Elle, pedindo desculpa de fallar  
n'outro da igreja, disse: «não posso ca-  
lar a minha commençação. Exprimi-la-hei  
na palavra apenas: obrigado».

Mas pedindo desculpa de fallar den-  
tro do templo...

Eloquente lição.

### Santo Antonio e a pobreza

Entre as virtudes cultivadas no viço-  
jardim da Igreja catholica, uma ha  
que ordinariamente nos passa desperce-  
bida, ficando a salvo do respeito e da  
admiração a que se impõem muitas ou-  
tras. Falamos da pobreza voluntaria.

Não é isso, porém, resultado de se-  
culos belleza, santidade e heroismo.  
Ella é a palavra do Evangelho: *Beati-  
tudines spiritus quoniam ipsorum  
regnum coelorum*.

Mau grado porém da divina promes-  
sa que paixão, que fanatismo, que fe-  
bre consume os devotos incensadores do  
ouro d'ouro!

Mesmo os pobres, aquelles a quem  
imediatamente é dirigida essa palavra  
angelica, desconfiados, ao que parece,  
da divina fidelidade, correm afanosos  
pelas riquezas, que afinal lhes esca-  
tam, como aos meninos as formosas bor-  
boletas.

S. Antonio avaliou bem o mereci-  
mento da pobreza; contrapoz á vaidade  
do mundo a magnificencia do paraíso;  
comparou as larguezas do coração gene-  
roso com o acanhamento da alma avara

e abraçou a pobreza, viveu com ella e  
d'ella recebeu a mortalha.

Sorria-lhe no berço a fortuna; sob o  
tecto paterno brilhava a alegria, o pra-  
zer, a honra, a gloria, debaixo de cujas  
apparencias divisono o nobre filho dos Bu-  
lhões vileza e miséria.

Voltou os olhos para o claustro e  
apreciou-lhe o valor; trocou as galas da  
nobreza pelo habito d'um frade, o bra-  
ço d'armas pelo escudo de Christo, e  
seguiu caminho pela carreira da mortifi-  
cação, do trabalho e da pobreza.

A observancia d'esta austera virtude,  
pedindo pelas portas, tal foi d'ora avan-  
te a sua gloria, o seu contentamento; o  
corpo sustentava-se de acanhadas esmo-  
las, a alma, essa vicia da opulencia da  
graça—pois não é fechada para os seus  
amigos quem ás raposas dá covis e aos  
passarosinhos onde vivem regaladamen-  
te.

Santo Antonio votava odio profundo á  
avareza. Para mostrar aos ricos o abys-  
mo sobre que pendia a sua eterna sal-  
vação, obrou em certo dia um estupendo  
prodigio que a historia se encarregou  
de perpetuar até nós.

Fallecera em Florença, cidade de Ita-  
lia, um cavalheiro tão rico como ava-  
ro.

Santo Antonio, cujo nome fazia eco  
por toda a peninsula, foi logo rogado para  
lhe tecer o elogio funebre. Na manhã  
das exequias, foi-lhe sobrenaturalmente  
revelada a condemnação eterna do de-  
functo por causa da sua desordenada  
avareza e cubica.

Tomando ensejo de tão triste cir-  
cunstancia, subiu ao pulpito, e em vez  
de proclamar as suppostas virtudes do  
fallecido, estigmatizou o abuso da ri-  
queza e fez ver a todos o despinhadoiro  
aonde conduzem os falsos bens de mun-  
do, e carregou o quadro sombrio da al-  
ma avarenta abrasada nas chamas e co-  
mida por eternos remorsos. «Este ho-  
mem—disse—sobre a terra traçou um  
plano, formou um projecto, seguiu uma  
paixão,—ajuntar, ajuntar sempre, sem  
modo nem medida, todos os dias, em to-  
da a parte, por todos os meios e em to-  
das as circumstancias; aos clamores da  
pobreza foi surdo, não o moveram os  
gemidos dos infelizes, não o abalaram  
os ais desesperados da fome, nenhuma  
força foi capaz de lhe abrir a bolsa ou a  
porta. Morreu, e o inflexivel Juiz, insulta-  
do por elle nos seus pobresinhos, comi-  
nou-lhe a sentença de eterna condem-  
nação. Jaz no inferno e conhecido enze-  
neiro de Florença».

Facilmente se concebe o pasmo de  
que foi victima o auditorio ao ouvir as  
ultimas palavras do Santo. Este, porém,  
continuo: «Se não quereis dar credito  
ás minhas palavras, ide a casa d'esse  
maldito, abri-lhe a caixa de dinheiro, e  
lá dentro lhe encontrareis ainda quente  
o coração».

Cresceu, e era natural, o espanto  
da multidão, e transida de susto precipi-  
tou-se na casa do fallecido; foi aberto  
o mealheiro e lá estava latejando ainda  
o coração.

Afim de não restar a menor sombra  
de duvida, fizeram a autopsia ao cada-  
ver; e o coração não lho encontraram.

Ricos do seculo, attentae e temei-vos  
de sorte tão desgraçada. Contra o vene-  
no da riqueza é unico e poderoso anti-  
doto a caridade.

Aos gritos da indigencia jámais res-  
ponder o secco, o frio, o cruel não!  
Provastes já acaso o travo de amargura  
que levam consigo ao coração de mães  
os choros das creancinhas mirradas de  
fome e de frio? E sabeis quanto sangra  
o coração maternal que pede uma es-  
mola para essas avesinhas implumes e  
da bocca da opulencia ouve o terrível  
não?

Ai! que certamente nunca o expri-  
mentastes!

Da, dae, ó ricos—«*Quem dá aos  
pobres, empresta a Deus*».

(Da Voz de S. Antonio).

### Alvo de contradicção

Já ha muitos seculos que o Santo Si-  
meão prophetizou que Jesus seria n'este  
mundo alvo de contradicção, honrado  
por uns e perseguido por outros.

Esta propheticia realisou-se durante a  
sua vida mortal e continua a realizar-se  
hoje, que ainda vive na Igreja.

Mas recordem-se todos que o mesmo  
prognosticou tambem que Jesus seria a  
salvação dos primeiros e a ruina dos se-  
gundos.

Portanto, ai dos que o perseguem!  
cedo ou tarde terão a sorte que mere-  
cem.

### Notas ligeiras

E' em Paris que se realisa a confe-  
rencia da paz, a qual deve começar em  
Janeiro. O presidente Wilson vem tomar  
parte n'ella.

Os republicanos e socialistas hespa-  
nhoes continuam a dizer tudo quanto que-  
rem nas bochechas das auctoridades, do  
governo e do rei.

Promettem ao povo, como os demo-  
craticos de todos os povos em revolta, as  
mesmas felicidades que antes de 1910  
promettiam em Portugal todos os sequazes  
de Bernardino e Affonso: Bacalhau a  
tres vintens, suppressão de impostos, jus-  
ticia gratis, etc., etc. Parece tudo copia-  
do do mesmo original.

O Brazil, em nome do Direito, da  
Justiça, da Civilisação... ordenou a li-  
quidação de todos os bancos allemães.

Que honrado era aquelle celebre Jo-  
sé do Telhado!

## Evangelhos

P. Que são Evangelhos?

R. São quatro livros escriptos por S. Matheus, S. Marcos, S. Lucas e S. João Evangelista, que contam a vida de Nosso Senhor Jesus Christo.

P. Será certo que foram esses Santos os auctores dos ditos livros?

R. Sim, é certo, porque sempre foram tidos como taes. Se nós temos como certo, por exemplo, que Sallustio escreveu a *Conjuração de Catilina*, e que Virgilio escreveu a *Eneida*, porisso que sempre foram tidos n'essa conta, pela mesma razão devemos ter como certo que os quatro Evangelistas são os verdadeiros auctores dos Evangelhos.

P. Não haverá testemunhos positivos que no-lo asseverem?

R. Sim, ha muitos e muito antigos, a ponto de que alguns remontam ao principio do segundo seculo e até aos fins do primeiro, depois de Christo, e o que é mais notavel é que esses testemunhos não são somente de christãos, mas ainda de inimigos da Religião, uns herejes, outros gentios.

P. E os caracteres intrinsecos dos livros harmonisam-se com os auctores a que se attribuem?

R. Harmonisam-se com tudo o que nos consta sobre a vida d'esses Santos. Assim, a lingua grega em que foram escriptos (principalmente o de S. Matheus) é tal que a construcção é antes hebraica, como devia ser, porque os Evangelistas eram judeus e ignorantes. Os costumes judaicos, tão differentes dos gentilicos, ahí se acham descriptos com toda a exactidão, o que só podia fazer quem fosse judeu. As metaphoras e maneiras de falar são todas de origem judaica e não grega.

P. E os Evangelhos com o curso do tempo não se terão alterado?

R. Se alguma alteração existe é muito accidental, e isto mesmo reconhecem os criticos não catholicos, porque, examinando-se os differentes manuscritos antigos que existem, e comparando-os quer entre si quer com as citações feitas ou pelos Santos Padres ou por outros escriptores, quasi não se nota differença alguma.

P. Os auctores dos Evangelhos serão dignos de credito?

R. Por certo, porque contam até os seus proprios defeitos, falam n'um estylo singelo sem exagerações nem pleonasmos, e escreveram n'um tempo em que os factos a que alludem eram conhecidos por muita gente, que os contradictaria, se elles não dissessem a verdade.

P. Como saberemos quem era Jesus Christo?

R. Podemos sabe-lo pelos Evangelhos, já que fica demonstrado que elles são documentos historicos.

P. Dos Evangelhos consta que Jesus é Deus?

R. Sim, pois no Evangelho de S. João, capitulo X, versiculo 30, se diz que Jesus affirmou que era uma só coisa com o Eterno Padre, e nos versiculos 37 e 38 acrescentou que, se não queriam acreditar nas suas palavras, acreditasse nos seus grandes milagres.

## Fingem-se esquecidos

Lembram-se muito bem de que ainda não pagaram suas dividas, mas fingem-se esquecidos.

Fingi, caloteiros, fingi honradez deante dos homens a quem, ludibriaes a esse Deus que lê no mais intimo de vosso coração, e sabe todos os enganos que bem podeis ludibriar, mas não que vos contentaes com essa apparencia de honra, gozae-a em boa hora; depressa sabeis que ella não vos pode defender da justa ira do Supremo Legislador que do alto do Sinai clamou um dia: *Não furtarás.*

O nosso jornal, depois de lido, não se inutilisa: em-presta-se aos visinhos; manda-se aos parentes, amigos, conhecidos; faz-se chegar ás mãos d'aquelles que lêem os maus jornaes; deixa-se nos logares publicos, nos pontos de reunião, nas tabernas, nos cafés, nos estabelecimentos, nos comboios, etc.

## Os espiritas enganados pelos diabos

Os espiritas bem sabem que Allan-Kardec confessa haver certos espiritos que se consolam quando enganam as creaturas humanas.

Mas se assim é, como é que não fogem d'essas sessões onde estão em risco de ser ludibriados pelos taes espiritos zombeteiros?

E' a curiosidade deontia de observar tudo o que se apresenta como superior á natureza, que ahí os leva.

Pobres infelizes! desobedecem á Igreja, que prohibe taes sessões, desobedecem a Deus, que não quer que o homem entre em convenios com satanaz, e ainda por cima são enganados pelos diabos, que os põem no caminho da perdição!

Mas já que assim o querem, assim o tenham.

## Respeito á velhice

Admiraveis conceitos d'um Prelado sobre o respeito que se deve á velhice:

«Os velhos são os anciãos do povo, os que, pela sua sabedoria e pela sua experiencia, merecem ser ouvidos e obedecidos.»

São christãos que se encontram na vespera de ser chamados por Deus; cumprilhos passar em revista os dias idos, resignar-se á paciencia e dispor-se a morrer em paz.

O velho é o enfermo que sente as forças abandoná-lo, é o vencido do tempo e das dôres.

O 4.º mandamento manda-nos cercar de respeito esse ancião, de amor aquel-

le que vai partir, de piedade esse vencido da vida.

Hoje, os velhos não são amados e cuidados como outr'ora. Na nossa sociedade deschristianizada, a familia é muitas vezes aspera para com elles.

Para quem só procura o seu bem e as suas comodidades, o velho é empecilho; os filhos porfiem em esvar-se a tal encargo.

A invasão do egoismo expulsa facilmente os antigos costumes patriarchaes. O velho era, na familia, o ser mais amado e mais respeitado; o seu culto era uma lição e uma benção para as creanças. Hoje, mercê do paganismo renascente, intervem muitas vezes um indesejado que o expulsa para fóra de lar, para fóra de sua propria casa.

Os asylos são necessarios, mas só serviriam para os casos urgentes e para as situações particularmente difficilissimas — a regra commum é que o velho morra em sua casa, no meio dos seus filhos e netos.

Cumprí o vosso dever, conservae em casa vossos velhos paes; respeitae-os, cuidae d'elles, procurae restituil-os centuplicadamente, se possivel, os cuidados de que elles rodearam a vossa infancia.

Se fôrdes obrigados a separar-vos d'elles, exigi em primeiro lugar que sejam dispensados os cuidados da alma mais necessarios que os do corpo.

Deveis preparar-lhes a entrada no céu.

Pensae que um dia chegará em vós tratarão a vós consoante os honras des tratade a elles.

## ADIVINHA POPULAR

Uma gigante de bella feição  
tem doze filhos do seu coração  
Cada filho tem trinta netos,  
metade brancos, metade pretos.

Decifração do numero anterior  
*Caixão.*

## Calendario religioso da semana

Dezembro

*Domingo, 1*—(1.º do Advento), Santo Eloy, B.

*Segunda feira, 2*—Santa Bibiana, V. M.

*Terça-feira, 3*—S. Francisco Xavier, Apostolo das Indias.

Lua nova ás 3 horas e 19 m. da tarde  
*Quarta-feira, 4*—S. Pedro Crisologo, Doutor da Igreja.

*Quinta-feira, 5*—S. Geraldo, bispo de Braga.

*Sexta feira, 6*—S. Nicolau, (Abstinencia).

(Os pobres e quem tem os Indultos obrigados á abstinencia.)

*Sabbado, 7*—Santo Ambrosio, Doutor da Igreja.

